

# De Real a Florestal, e até no carnaval: as narrativas do Horto e os sonhos, aspirações e conflitos de seus habitantes encarnados na paisagem e no lugar

## *From Royal preserve to Forest Reserve, and even in Carnival: narratives of the Horto and its residents' dreams, aspirations and conflicts embodied in landscape and place*

Cássio Lopes da Cruz Novo

Geógrafo, Especialista em Análise Ambiental e Gestão de Território, Mestre em Geografia e Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IGEOG-UERJ).  
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)  
cassiocnovo@gmail.com.br

**RESUMO:** De Real a Florestal, a localidade do Horto existe há séculos no Rio de Janeiro. Há décadas moradores mais antigos sofrem ameaças recorrentes de remoção influenciando suas vidas e, por conseguinte, impactando decisivamente suas relações com os demais habitantes da cidade e com o espaço geográfico. Seus dramas e conflitos, bem como desejos, sonhos e aspirações, podem ser percebidos em narrativas que resgatam o passado diante de questões que surgem no presente, ao passo que o futuro é vislumbrado por frestas repletas de incertezas e sonhos. Este trabalho percorre os caminhos e desventuras afetivos da geografia desse lugar, apreendendo como as imaginações de seus habitantes e transeuntes vinculam-se às suas interações com o mundo vivido. Ações como a criação de um bloco carnavalesco, assim como apropriação, (re)significação e modificação da paisagem, oportunizam compreender como os habitantes do Horto explicitam as preocupações com a moradia, os desejos de permanecer física e simbolicamente onde estão e os receios de perder o seu lugar no mundo. Paisagem e lugar, conceitos-chave da ciência geográfica, encarnam os sonhos, as aspirações e os conflitos da comunidade do Horto.

**Palavras-chave:** Paisagem, Lugar, Geografia.

**ABSTRACT:** *From Royal preserve to Forest Reserve, the Horto district has existed for centuries in Rio de Janeiro. For decades the longest-standing residents have lived under the influence of recurrent threats of eviction, which have affected decisively their relations with the city's other inhabitants and with the geographical space. Their dramas and conflicts, as well as their desires, dreams and aspirations, can be perceived in narratives that reinstate the past in view of issues arising in the present, while the future is envisaged through cracks teeming with uncertainties and dreams. This study traces the affective pathways and misfortunes of the geography of this place, learning how the imaginations of its residents and visitors are tied to their interactions with the lived world. Actions such as the founding of a carnival group, as well as the appropriation, (re)signification and modification of the landscape, offer opportunities to understand how the residents of the Horto state their concerns with housing, the desires to stay physically and symbolically where they are, as well as their fears of losing their place in the world. Landscape and place, key concepts in the science of Geography, embody the dreams, aspirations and conflicts of the Horto community.*

**Keywords:** *Landscape, Place, Geography.*

## Primeiros passos

A comunidade conhecida como Horto Florestal, ou apenas Horto, localiza-se no bairro do Jardim Botânico, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. No interior de seus limites existem centenas de moradias e ali vivem famílias historicamente vinculadas ao lugar no qual seus antepassados viveram (BIZZO; SALES e NEVES, 2005). Segundo as autoras, o processo de ocupação do espaço ocorreu nas áreas do antigo e extinto Real Horto (hoje o (pelo) Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro), em área ocupada pela Fábrica de Tecidos Carioca. Há vilas operárias construídas em seu entorno cuja função primordial foi a de oferecer aos seus funcionários moradia próxima ao local de trabalho.

Esta área, antiga parcela das sesmarias doadas pela Coroa portuguesa aos patrícios que vieram explorar e desenvolver a agromanufatura açucareira, testemunhou e recebeu a força de trabalho imposta coercitivamente aos indígenas e negros escravizados. Em seguida, foi alterada e percorrida por trabalhadores assalariados. Hodiernamente, é ocupada por descendentes desses grupos, acrescidos de pessoas oriundas de outras áreas do Rio de Janeiro, do Brasil e de fora do país. É habitada e frequentada cotidianamente por pessoas de distintas classes socioeconômicas. É percorrida por ciclistas, trabalhadores a caminho de suas atividades laborativas, aposentados exercitando-se pelas ruas, esquinas, e por ladeiras arborizadas.

Em tempos de festividades e celebrações, recebe, media e influencia as interações de seus moradores com visitantes. Isto por ser um lugar histórica, social e culturalmente qualificado por aqueles que se envolvem com suas trajetórias e dinâmicas. No interior de seus limites, sobretudo durante o período da folia momesca, desenrolam-se os processos de concepção, organização, concentração e início do desfile do bloco Vagalume O Verde. Mas por que estamos a iluminar o carnaval e um bloco em especial? Acreditamos na potência reveladora das festas, mormente a carnavalesca, no que tange a tornar visível os aspectos mais dramáticos e essenciais das relações existentes entre pessoas e destas com o ambiente no qual interagem, o qual dotam de sentido e para o qual (re)criam significados. Entendemos que as manifestações festivas alteram física e simbolicamente o espaço geográfico onde ocorrem. O espaço, por sua vez, media e influencia os sentidos e caminhos de idealização, realização e reflexão sobre as festas. Todas essas transformações se desenvolvem nos períodos antecessores, durante e após sua consumação.

Iluminamos, nesses compassos, o bloco carnavalesco Vagalume O Verde. Nossa pesquisa nos forneceu a oportunidade de ouvir e compreender os anseios, desejos, conflitos e tensões da comunidade do lugar, capturados e efetivados pelo bloco (NOVO, 2015). A partir de suas trajetórias e narrativas carnavalescas, a agremiação compõe o mosaico de atores e agentes atuantes e modificadores do lugar e componentes de sua paisagem. Neste caso, são transformações e composições visceralmente conectadas com a essência do mundo vivido da comunidade do Horto. Entre a quarta-feira de cinzas e a entrega das chaves para o Rei

Momo abrir o próximo carnaval, a rotina novamente se instala na localidade. E mais uma vez é possível observar a circulação de casais contemplando a beleza cênica, gestantes posando para fotografias no interior e exterior do Jardim Botânico, carros e caminhões das empresas que funcionam no local, estacionados ou em movimento, motoristas objetivando fugir do trânsito de vias com fluxo maior de veículos, além de uma variedade de pessoas que, em suas rotinas espaçotemporais, cooperam para que observemos o que Seamon (2013) sugere ser o “balé do lugar”.

Um balé, entretanto, requer um palco ou um cenário para acontecer. Em pesquisa anterior, compreendemos que “a chegada da mão de obra composta por negros escravizados é uma relevante peça no complexo mosaico capaz de apresentar o Horto” (NOVO, 2015). Se entendermos o Horto como cenário, é preciso considerar suas especificidades para compreender como os atos e as cenas se desenrolam sobre si e de que maneira são apresentados e influenciados por suas características e aspectos próprios. A herança e a ancestralidade daqueles habitantes e trabalhadores constituem algumas das partículas fundamentais das narrativas – e estratégias – (re)criadas sobre o Horto e acerca de suas transformações e permanências. São elas, ainda que não exclusivamente, que nos permitem vislumbrar alguns dos principais conflitos e tensões vivenciados na localidade, presentes até os dias atuais nas relações entre moradores e o ambiente no qual vivem.

Mas, afinal, como podemos perceber tantas questões e, mais importante, compreendê-las?

A proposta consiste em caminharmos pelas sendas da nova geografia cultural e de uma perspectiva humanista da geografia. Na primeira, preocupamo-nos em identificar e apreender os contextos e significados presentes nas relações entre os seres humanos e o espaço geográfico habitado e simbolizado. Na segunda, procuramos compreender as densas vinculações entre os seres humanos e o espaço com o qual interagem profundamente e de onde, por tantas vezes, miram o mundo projetando suas vivências. Em seus aspectos metodológicos, este trabalho dialoga com a nossa dissertação de mestrado sobre o referido bloco carnavalesco e sua relação visceral com o Horto e sua comunidade, reúne parte da bibliografia utilizada nessa pesquisa mais ampla e fundamenta-se sobre as entrevistas, idas a campo e experiências/vivências no Horto e arredores desde o início de 2013 até o momento de finalização deste artigo.

Nosso trabalho é encaminhado no âmbito da seguinte estrutura: esta primeira parte oferece um inicial e mais amplo entendimento das questões a serem abordadas. Incluídas neste início encontram-se as opções teóricas e metodológicas adotadas. A seguir, uma segunda parte na qual apresentaremos as possibilidades de perceber e compreender os dramas e desejos de pessoas encarnados na paisagem e no lugar onde interagem em sociedade. Além disso, objetivamos apresentar algumas das estratégias capazes de evidenciar essas narrativas e externar algumas dessas tensões percebidas no decorrer da pesquisa.

Uma derradeira parcela será constituída por arremates e algumas considerações finais nas quais buscamos sintetizar as reflexões oportunizadas durante o artigo e, por último, o referencial teórico consultado, manancial inspirador dos pensamentos e provocador das inquietudes que nos permitiram discorrer sobre o assunto.

## **Trilhas, trajetórias e caminhos**

Muitas das relações e transformações da paisagem, aliadas às interações com o lugar, resultam de processos históricos, sociais e econômicos ocorridos. Estes se apresentam nas escalas nacional, estadual, municipal e, sem dúvida, na local. Nossa percepção dessas mudanças e reconfigurações varia de acordo com nossos objetivos e nossas capacidades analíticas e escolhas teóricas e metodológicas. As escalas de manifestação dos fenômenos são, portanto, variadas, e sempre mediadas pela nossa relação de observador e/ou investigador. A partir desta constatação, é preciso reconhecer que, embora nossa percepção esteja atrelada ao exposto acima, os fenômenos, ao atuarem com maior ou menor intensidade, extrapolando ou atravessando as escalas por intermédio das quais buscamos entendê-los, modificam-se, uma vez que também se alteram seus processos, suas dinâmicas, influências e os desdobramentos de suas consequências no espaço geográfico.

Nos recortes espacial, temporal e temático adotados, os elementos acima descritos, em sua pluralidade de manifestações em diversas escalas, permanecem ativos. Abordamos, contudo, o Horto contemporâneo enfocando as narrativas de sua comunidade e os significados dos sonhos, das aspirações e dos conflitos encarnados na paisagem e no lugar. Na fronteira de transição entre aquelas múltiplas escalas e o escopo destes recortes, aqueles elementos se apresentam em suas especificidades e singularidades. E serão algumas destas que iremos iluminar a partir deste ponto.

Entendemos a paisagem, nas linhas a seguir, como um híbrido resultante dos encontros e das influências mútuas do humano e do “natural”: a natureza física em suas formas e dinâmicas apropriadas e transformadas, material e simbolicamente, pelos seres humanos. Partimos, portanto, da condição de um espaço organizado e de obra coletiva das sociedades para um entendimento no qual a paisagem oferece – enquanto é – a concretude necessária para a materialização do lugar. Buscamos, tomando-a como categoria de análise, identificar e compreender os contextos e significados existentes e percebê-la como experiência.

Já o lugar nos interessa nas fronteiras do domínio do horizonte humanista geográfico. Para isso, a noção de geograficidade (DARDEL, 2011) é fundamental. Ela sustenta as ideias trabalhadas por autores subsequentes e que nos serviram como embasamento teórico e filosófico. Isto significa que o conceito, ou melhor, a *essência* lugar (HOLZER, 2012, p. 296), de base dardeliana, é compreendida e percebida a partir dos laços afetivos e de pertencimento continuamente (re)construídos entre os indivíduos e os grupos sociais que habitam e

(re)significam determinada parcela do espaço geográfico, tornando-a centro de significação do mundo vivido e experimentação intensa da vida (HOLZER, 2012, p. 282). Concordamos com Edward Relph quando nos sugere que a essência do lugar não é

meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro (...); o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco (RELPH, 2012, p. 31).

Agindo assim, os seres humanos organizam seus sentidos, apropriam-se de sua espacialidade e tecem – com ele, sobre ele, e a partir dele – suas histórias individuais e coletivas. Do lugar lançam a mirada sobre o espaço que os rodeia, desafia e encanta (TUAN, 2013). O lugar lhes oferece o abrigo para perscrutarem o interior de suas almas, desejos e temores. Nele se posicionam para ver, sentir, viver, organizar e compreender o mundo.

De lusitanos decretos reais a imperiais, passando pelas decisões de uma República positivista objetivando ordem e progresso na Capital Federal, aqueles processos auxiliaram na reconfiguração da cidade e da sociedade do Rio de Janeiro. Formas e funções de equipamentos urbanos, valores e costumes sociais, muito do que havia foi sendo alterado de maneira mais ou menos acentuada na transição entre esses períodos. Tantas mudanças compuseram o mosaico de eventualidades e projetos responsáveis por moldar um novo país e, especificamente, um novo município. Além disso, colaboraram na transformação das paisagens existentes e ensejaram outras possibilidades de interações dos indivíduos com os (seus) lugares.

Destacamos, acima de outras questões, o processo de modificação e modernização de nossa cidade e de nossa sociedade. Este foi posto em marcha em ritmo e forças avassaladoras. O projeto modernista e higienista implementado derrubou, anulou e substituiu traços e marcas do Rio. Destes, em imensa maioria, foram atacados e sublimados os atinentes às heranças físicas e simbólicas, como também o foram as geografias e as histórias, dos povos e culturas afro-ameríndias. Em complemento, e posteriormente, preteriu-se o projeto lusitano em favor de uma concepção francófila de cidade. Nesta última, ideias e conceitos sobre paisagismo e urbanismo franceses colocaram-se como modelo inspirador para que as reformas urbanas fossem efetivadas. Nas esferas social e cultural, os valores francos também foram alçados à condição de padrões a serem alcançados e replicados. Buscava-se, mais uma vez, a normatização dos hábitos e comportamentos da população reforçando a tentativa anterior de europeização dos espaços, paisagens e condutas da cidade e do povo. Pretendia-se transformar o Rio de Janeiro na “Paris dos trópicos”. A capital francesa fulgurava como um farol a nos guiar para o *progresso* e para o futuro.

É interessante refletir sobre que caminho análogo percorreu a manifestação carnavalesca por aqui. Inscrita e cooperando para a efetivação das reformas previamente mencionadas, esforçou-se para apagar características africanas e indígenas presentes nas festividades, almejou disciplinar a festa e torná-la ainda mais urbana, elitista, previsível e organizada.

Na sequência, ao longo do século XIX, aspirou a influenciar a adoção de novos rumos, renovadas formas e outros modos de comemorar o tríduo festivo com clara intenção de abandono da herança lusitana e de adoção do modelo francês, que se apresentava às elites da época como o modelo a ser emulado e alcançado (FERREIRA, 2002; 2004; 2005). Evidenciam-se as semelhanças dos projetos de cidade, sociedade e de carnaval em que os padrões e referências europeus, cortesãos e burgueses estiveram a definir – ou, ao menos, influenciar decisivamente – as transformações nas formas visíveis e na alma da cidade.

O intento dessas escolhas e decisões, aqui colocadas de maneira superficial e leviana como se não fossem, em essência, a síntese e a união de tantos processos mais ou menos convergentes, menos ou mais vitoriosos, durante o transcorrer de muitas décadas, não surtiu o efeito desejado e não alcançou os objetivos na plenitude pretendida por seus apoiadores. E não lograram êxito, quer permaneçamos nos referindo ao carnaval, quer ampliemos nossa mirada para a cidade em seu cotidiano e suas dinâmicas. E por que entendemos que não?

Indagar a paisagem e o lugar nos oferece a oportunidade de pensar sobre estas questões e a possibilidade de respostas a esta pergunta. A primeira é a chave para decifrar as múltiplas resistências às mudanças pretendidas e buscadas por meio de práticas e discursos efetivados nos planos das ideias e das ações. O segundo nos auxilia na percepção e compreensão do que se (re)vela quando utilizamos aquela chave para abrir, adentrar, sentir e experimentar o mundo vivido de indivíduos e grupos sociais ativos no espaço geográfico. Ambos encarnam as tensões e conflitos das lutas e intenções (ocorrentes) que ocorrem no espaço geográfico ao longo do tempo.

Uma e outro nos fornecem pistas e evidências de que houve – e ainda há – resistências, dinâmicas e novos – ou a retomada de antigos – projetos em ação. Descortinam a existência de oposição às concepções, narrativas e discursos hegemônicos de transformação, eliminação e modernização. Esta resistência, segundo entendemos, é ativa, pois plena de vida e potência (re)criadora. Nossa afirmação ecoa pesquisas e reflexões anteriores, sobretudo aquelas que transitaram pelas veredas que agora percorremos.

Algumas são capazes de nos apontar que o projeto de ordem e progresso, nos moldes daqueles postos em prática no Brasil, fracassou, na medida em que ainda é possível ouvir tambores ressoando, sambas sendo cantados e dançados em rodas, oferendas e grafites em esquinas e ruas, blocos carnavalescos subvertendo as normas presentes no cotidiano, além de uma miríade de disputas materiais e simbólicas pelos espaços, sentidos e vivências da cidade e, mais especificamente, do Horto. Também é possível identificar, espalhados pela cidade e na área em tela, a existência de “logradouros remanescentes de outrora, plenos de belos sobrados com seus gradis de ferro, sacadinhas, portas, janelas e cantarias” (MELLO, 2016). De certa maneira, em maior ou menor grau, questionam, antagonizam ou rejeitam aquele projeto moldado por padrões europeus e insistentemente desenvolvido e aplicado em nossas terras.

Para além da aparente – e certamente equivocada, se entendida por este viés – irrelevância ou ingenuidade da constatação de Mello, há a possibilidade de mergulhos profundos na essência dos lugares. Um dos caminhos se apresenta por intermédio da atenção minuciosa à paisagem. Mello remete a esta profundidade e nos convida a submergir com ele quando nos oferece suas palavras. Nessas imersões é possível perceber, acima da “teimosia” das formas e cores conservadas na paisagem, para além do “atraso” na transformação ou da “dificuldade” na eliminação daqueles logradouros, a existência e a manutenção de sentimentos de insurreição e rebeldia imanentes às teias afetivas de indivíduos e lugares. Estas se articulam às redes de pertencimentos tecidas e entrelaçadas pelos indivíduos em profunda ligação com o seu ambiente. Esta conexão incorpora, envolve e é atravessada pelas inter-relações daqueles com a paisagem e com a essência do lugar qualificado de sentidos, significados continuamente organizados e potência – de reinvenção – da vida.

Os logradouros de outrora, marcando e ressignificando a paisagem atual, nos convidam à possibilidade de transporte à temporalidade diversa desta. Possuem, no entanto, o vigor e a flexibilidade de nos ofertar, em acréscimo, a oportunidade de repensar e compreender as tensões e os processos enquanto ocorrem em nosso tempo presente. Os lugares de antigamente, desta maneira, estão vivos e ativos no passado incessantemente revisitado e modificado, estão presentes na atualidade e constituem peças fundamentais na construção de futuros possíveis. Isto, entretanto, ocorre de maneira diferenciada, e em ritmos distintos, pelos espaços e lugares da cidade.

No Horto, por exemplo, observamos os mesmos elementos incidindo sobre as dinâmicas espaçotemporais da paisagem e do lugar em diversas esferas de influência e espaços de poder. Estão presentes quando percebemos nas casas e quintais as pelejas e as disputas, materiais e simbólicas, pela manutenção de residências, das histórias comunitárias e do modo de vida de um grupo social. São tensões e angústias mascaradas – mais ou menos aparentes – que avançam ou retroagem no tempo. As estratégias e alguns dos embates ocorrem nos gabinetes de políticos, em salões da associação de moradores, nas ruas que recebem desfiles de blocos carnavalescos, nas salas de reuniões de executivos de grandes grupos midiáticos, em salas de estar, cozinhas e garagens de moradores do local. E, invariavelmente, carregam consigo a dimensão temporal nas falas dos interlocutores e nos argumentos e ideias subjacentes ao que é dito, pensado e praticado no espaço e sobre o espaço. Em nossas investidas de campo, recorrentemente nos deparamos com situações nas quais conversas acaloradas, projetos de atuação política, passeatas e cobranças às lideranças comunitárias aconteciam, quer estivessem relacionadas a eventos pretéritos, quer conectadas às possibilidades futuras do vir a ser do Horto e de sua gente.

As ações, o cotidiano e o comportamento dos habitantes do Horto acompanham e emulam parte do ocorrido em diversas outras áreas da cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas. Distintas e variadas temporalidades disputam olhares e protagonismo na

paisagem, permitindo – às vezes ocultando, em outras revelando, detalhes codificados de um determinado grupo social – rememorar ou reinventar um passado que se julga ocorrido. Antigas residências de trabalhadores fabris assumem nova função e oferecem um colorido charmoso à paisagem. Atualmente ofertam serviços e produtos especializados e não mais apenas moradia.

Há contraste entre os novos prédios corporativos, como, por exemplo, os da Rede Globo, espelhados, cercados por grades eletrificadas e demais inovações tecnológicas, e os antigos quintais das residências ameaçadas de remoção por parte do poder público. Há confronto entre os contemporâneos projetos de arquitetura, *design* e paisagismo urbano de docerias, padarias, restaurantes e bares remodelados e os puxadinhos e as construções improvisadas no interior de casas e abrigos de pessoas cujas famílias, por vezes, ocupam a área já há algumas gerações. A previsibilidade do processo de valorização da área, com a expulsão dos mais pobres, compete com as esquinas e ladeiras por onde circulam pessoas e histórias das mais variadas. Nelas ocorrem encontros entre transeuntes, turistas, moradores e trabalhadores do Horto. Muitas vezes discutindo, entre goles de cerveja, rótulos premiados de vinho, sanduíches, culinária japonesa ou churrasquinhos, o passado, o presente e as possibilidades de futuro do Horto e de sua gente.

Essas mesmas ruas, entre aclives e declives, emolduradas por árvores frondosas e sombras frescas, animadas pelo som de pássaros, ofertando esquinas e cruzamentos em profusão, permitem encontros capazes de forjar elos de afetividade, pertencimento e companheirismo entre as pessoas e o seu ambiente. Elos pertencentes a uma corrente poderosa o suficiente para engancha as trajetórias individuais e coletivas de indivíduos entre si e destes com o seu lugar. Paisagem e lugar, portanto, encarnam e revelam a miríade de sentidos e significados presentes na(s) história(s) e geografia(s) do Horto e de sua comunidade. Um caleidoscópio que a cada giro ou mirada diferente oferece a oportunidade de se perceber – e se encantar – com a riqueza e a variedade de narrativas, sonhos, conflitos e aspirações dos seres humanos conectados com o espaço no qual (con)vivem, preenchendo-o com vida, dramas e simbolismos. Nosso entendimento se coaduna com pesquisas anteriores, entre as quais destacamos a seguinte passagem:

(...) é nesse território onde nasceram e construíram elos afetivos e de solidariedade – através do trabalho, da música, dos blocos carnavalescos, das festas populares, enfim, de práticas culturais – que esses moradores desejam permanecer vivendo até os últimos de seus dias (BIZZO; SALES & NEVES, 2005).

Acima listamos algumas das ocorrências mais facilmente identificáveis, pois audíveis e visualmente perceptíveis. Mas há aquelas que ocorrem e se manifestam também em uma dimensão de apreensão e compreensão nem sempre imediatas ou possíveis para os menos envolvidos ou cientes do contexto e dos múltiplos significados existentes e invariavelmente em disputa. Ainda tomando o Horto e suas narrativas como roteiro deste trabalho, estas podem



estar presentes – ainda que por vezes cifradas – na construção de muros materializando limites e territórios no espaço, por exemplo. Em seguida, já com sentido diverso, os mesmos muros recebem os grafites e as pichações feitos por moradores ou artistas vinculados ao lugar. De um modo ou de outro, ambos são constituídos pelas narrativas do Horto e de sua gente. São aspirações, sonhos e conflitos encarnados na paisagem e no lugar.

Podem, também, se fazer presentes pela ausência. Um exemplo é a situação de precariedade e descaso, segundo alguns habitantes, com o Roseiral Pedro Cachimbo, situado no interior do Jardim Botânico, uma área em homenagem à memória, ao trabalho e à vida de um dos trabalhadores do Jardim e antigo morador do Horto. A instituição, à época, por meio do seu sítio eletrônico oficial, informou aos usuários e à sociedade em geral que o Roseiral encontrava-se em situação crítica devido às condições do solo sobre o qual foi plantado originalmente. A tensão inspirou o enredo “O Jardineiro Fiel” do bloco Vagalume O Verde em 2013. Nesse ano, o bloco, em decorrência do agravamento da tensão acerca da remoção de muitos moradores de suas residências, decidiu pelo enredo acima mencionado. A ideia, segundo NOVO (2015), enfoca “Pedro Cachimbo, nesta abordagem, [como alguém que] simboliza os demais moradores do Horto reféns da mesma ‘sina’ e vítimas da mesma ameaça de remoção e esquecimento”. A luta pela permanência física e simbólica do Roseiral Pedro Cachimbo, apontada e reativada pelo enredo do bloco, ilumina os sentimentos e as vivências da comunidade do Horto, amplificadas no tempo da festa, ainda que referentes ao seu cotidiano.

Em suma, são apropriações e alterações da paisagem a partir da essência do lugar. Por isso mesmo, enriquecidas em sua capacidade de denunciar e comunicar questões muito importantes para o mundo vivido daquela comunidade e sobre os desejos e as angústias de seus indivíduos. Um dos principais temas em evidência nessas revelações é composto pela soma de narrativas que afirma existirem no Horto disputas e tensões nos campos do “real” e do simbólico, em que pesem os dramas compartilhados por parte de seus moradores, os quais afirmam haver racismo ambiental direta e indiretamente interligado aos processos de expulsão dos residentes em áreas da localidade e nos processos de especulação imobiliária em andamento. Passado, presente e insegurança sobre o futuro que se apresentam como possibilidades encarnados na paisagem e no lugar.

As narrativas do Horto, as percepções de sua paisagem e a essência do lugar operam não somente no campo visual ou nas abstrações e subjetivações das relações de seres humanos com o espaço. Há outros sentidos a serem explorados quando se vive a experiência em lugares e paisagens. Novamente tomando o Horto como exemplo, manifestam-se também nas esferas sonora-auditiva, tátil-sensorial, artística e performática, espiritual, religiosa, todas elas presentes e atuantes no cotidiano de quem ali reside ou transita regularmente.

Os sons de pássaros, micos e outros pequenos animais e insetos, o silêncio reinante na maior parte dos dias em contraste com os sons da *cidade grande* localizada ao redor e abaixo,

o farfalhar das folhas, caules e galhos de árvores em função da atuação e variação da força dos ventos, o eco de conversas travadas nos quintais, o gotejamento de águas que pingam de telhas em barris de plástico ou pisos de cerâmica, o som oco de gotas impactando e encharcando o solo de barro e folhas mortas, o trovejar das águas em mergulho vertical como se oferecendo um véu às cachoeiras e quedas d'água presentes nas proximidades, os esforços provenientes de motocicletas e automóveis mais antigos para superar as íngremes ladeiras da localidade, crianças brincando nas calçadas ou aguardando em algazarra a chegada dos ônibus em suas paradas próximas às escolas públicas situadas na área, os pontos de encontro, como o Caxinguelê, e as ruas de terra batida do Grotão, onde ocorrem churrascos, festas de debutantes, pagodes, conversas, entre outras oportunidades de reunião e alarido, todos nos oferecem a oportunidade de identificar e, complementarmente compreender, como é possível nos conectarmos às narrativas e à(s) história(s) do Horto e de sua gente. Paisagem e lugar encarnam todas essas sutilezas e muitas outras que exalam cheiros, produzem sons, explodem em cores e possuem textura e sabores para que nossos sentidos e nossa alma se sintam deleitados em apreciá-los ou estranheza ao com eles se deparar.

Alguns dos elementos enumerados podem ser, muitas vezes, entendidos como símbolos. Em outras palavras, partes representativas de um todo mais complexo, às vezes dificilmente perceptível, no qual passado e presente de pessoas e lugares se encontram gestando a configuração de novos caminhos. Estes se somam à reabertura de antigas trilhas e ainda se abrem à possibilidade de múltiplos futuros. Nesses compassos, considerações acerca da importância dos símbolos e da possibilidade e da necessidade de identificá-los, entendê-los e buscar compreendê-los, desde que articulados com os espectros do passado, a nebulosidade do presente e o lusco-fusco do futuro, se aproximam consideravelmente de algumas das principais ideias tuaninas na anunciação do que viria a ser a perspectiva humanista da geografia a partir do último quarto do século passado. As reflexões do geógrafo sino-americano promovem seu entendimento acerca de possibilidades e virtudes do lugar. Pois, “como em um único e complexo conjunto – enraizado no passado e incrementando-se para o futuro – e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista” (TUAN, 2012, p. 247). Convergente com essa contribuição, e atentos às sutilezas e às experiências e vivências no campo, salientamos a opção pela tentativa de nos apropriarmos da paisagem como experiência fenomenológica (BESSE, 2014).

Os símbolos, as narrativas e potencialidades (re)velados do/no Horto também são percebidos nas festividades visceralmente conectadas ao lugar e à sua comunidade. Anualmente, há décadas, festas juninas são realizadas e reúnem pessoas que reforçam seus vínculos com o lugar idealizado. Este, por sua vez, é continuamente (re)criado nos planos materiais e simbólicos. Eventualmente há comemorações de aniversários nas ruas e, mais usualmente, nos bares localizados na Rua Pacheco Leão, principal via do Horto. Estes encontros possibilitam o surgimento de novas ações e estratégias. Além disso, potencializam

as vivências individuais oferecendo a oportunidade de se tornarem coletivas ao serem compartilhadas. O bloco carnavalesco Vagalume O Verde, por exemplo, conforme já apontamos, foi criado por moradores profundamente conectados com as tensões, conflitos, desejos e narrativas dos habitantes do lugar. Os primeiros encontros, nos quais a agremiação foi concebida, ocorreram no Horto, em reuniões e comemorações ocorridas na área, reunindo pessoas da localidade e visceralmente ligadas aos desejos e às angústias que dividiam.

Os enredos e sambas de enredo apresentados na primeira década de sua existência evidenciam – enquanto se somam à – luta contra os agentes produtores e modificadores do espaço urbano na localidade. E ainda se apresentam como potente ferramenta de comunicação do Horto e suas histórias com os demais cariocas e turistas. O tempo e o espaço da festa carnavalesca são utilizados como “plataforma” e vetor de divulgação de outra versão do lugar. Há mais de uma década, os desfiles anuais compõem e reforçam – e (re)criam – as ideias relativas à paisagem idealizada, vivida e divulgada do Horto. Agindo assim, cooperam com o reforço à narrativa escolhida por alguns grupos profundamente conectados com a(s) geografia(s) e história(s), fortemente vinculados com as áreas ocupadas e trabalhadas por seus ancestrais e desejosos de subverter a ideia difundida de que são invasores de um lugar que, na verdade, percebem e cuidam como sendo seu.

Ao evidenciarmos as conexões de moradores com a natureza, resgatamos algumas das ideias presentes no início deste trabalho. Em especial, a compreensão de que “paisagem não é natureza, mas o mundo humano tal como ficou inscrito na natureza ao transformá-lo”. (BESSE, 2014, p.34). Neste sentido, paisagem constitui um híbrido entre o *natural* e o *humano*, materializando o encontro entre ambos e dotada de espaço e tempo que lhe são próprios.

Em síntese, e concordando com Besse (2014), paisagens tendem a ser espaços políticos, sociais e culturais, os últimos sobrepondo-se ao primeiro. Esta noção é preponderante para se perceber que os aspectos estetizantes e os sentidos e significados das paisagens superam, sempre, um eventual caráter determinista que possam porventura possuir. E qual a importância deste entendimento? A compreensão de que as paisagens oferecem possibilidades para a vida humana. Não apenas a vida em sua dimensão de sobrevivência, física, mas também oferece as bases e esperança para que a vida humana se realize em sua plenitude. A partir e por meio das paisagens, os seres humanos se sentem livres, inspirados e desafiados para transformar o mundo, transformando a si mesmos, seu(s) lugar(es), suas comunidades e as próprias paisagens, material e simbolicamente. Nas transformações pelas quais passou, o Horto, de Real a Florestal, e até mesmo no carnaval, é visto, sentido, e inspira moradores e visitantes, foliões e turistas a compreendê-lo além daquilo que pode ser apreendido em um primeiro olhar.

Nessa trilha, “a paisagem é uma maneira de ver e imaginar o mundo. Mas é *primeiramente* uma realidade objetiva, material, produzida pelos homens” (BESSE, 2014, p. 30). Neste sentido, segue o autor, toda paisagem é cultural na medida em que, além de vista e percebida

por uma cultura, é produzida no âmbito de práticas e valores que ela mesma simboliza. As práticas, de maneira geral, podem ser econômicas, políticas e sociais. E é nessa conjuntura que a paisagem se apropria – e é apropriada – da natureza quando imaginada, modificada, produzida e/ou comercializada pelos produtores e organizadores do espaço.

Todas estas particularidades estão presentes nas dinâmicas e nos processos de interligação dos habitantes do Horto com o lugar. Estão encarnados e nos permitem compreender passado e presente da comunidade por meio de marcas físicas ou imateriais mais ou menos evidentes no espaço geográfico. Isto porque “ler a paisagem é perceber modos de organização do espaço” (BESSE, 2014, p. 31). Ainda segundo o francês, a paisagem constitui-se em um espaço social, e sua organização traduz uma maneira de organização da sociedade assim como as representações e os valores culturais presentes e atuantes nessa sociedade.

### **Desenlaces, arremates e derradeiras considerações**

Em vista do exposto, de Real a Florestal, quer seja no cotidiano, quer seja percorrendo os tempos e espaços de festividades, como o carnaval, o Horto, percebido como lugar, encarna questões que despertam angústias e acalentam de esperança a sua comunidade. Isto se manifesta e se revela em suas paisagens e na essência do sentido que lhe atribuem seus moradores e aqueles conectados com sua(s) história(s) e sua(s) trajetória(s).

A vivência em comunidade no Horto, sobretudo quando compreendida através e a partir das narrativas de seus moradores mais antigos somadas às provenientes de gerações mais novas profundamente conectadas com as histórias de pertencimento e de afeto ao lugar são, a rigor, uma experiência de convergência de trajetórias individuais e coletivas bastante influenciadas pelos conflitos e anseios desses indivíduos com o espaço geográfico que habitam, modificam e significam. Permite perceber, ainda, indícios da (re)união de intenções, receios e aspirações comuns nos quais as inter-relações das pessoas com o lugar possuem fundamental importância no mundo vivido em sociedade.

As paisagens e o(s) lugar(es) do Horto estão presentes nas idealizações assim como na prática subjacentes ao fortalecimento de laços associativos e da reinvenção da vida como estratégias de sobrevivências engendradas por seres humanos desejosos de lutar por suas permanências e pertencimentos, físico e imaterial, visceralmente ligados àquelas paisagens e à essência do lugar. Isto ocorre nas dimensões simbólica e literal. E são, ao mesmo tempo, uma experiência incessante de reconstrução de práticas de coesão, (re)invenção de identidades, dinamização de sociabilidades e potencialização de uma vida imaginada e possível, atinente às histórias que se contam e se sentem do/no lugar.

As ruas arborizadas, repletas de árvores centenárias, os *puxadinhos*, as casas e os pequenos edifícios de apartamentos possuidores de janelas emolduradas por plantas e ornamentados por cores alegres e vibrantes cooperam para compor a paisagem material

e simbólica do Horto. Refletem e projetam, recriando, as idealizações e narrativas deste singular ambiente que é percebido e anunciado como uma área verde, de comunhão entre seus moradores, a paisagem e a natureza. Estes elementos, em síntese, evidenciam o triunfo dos seres humanos em suas aventuras para a (re)conquista do lugar imaginado, desejado e construído, primeiramente, em mentes, corações e histórias. Imaginações materializadas na convivência diária e no enredo e sambas que desfilam anualmente pelas ruas próximas anunciando a conexão entre paisagem, lugar e as histórias dos moradores do Horto. São vivências, histórias e estratégias que apresentam uma espécie de “jardim do éden” para as famílias que defendem e anunciam sua permanência ancestral na localidade. Um “eldorado” para os que desejam construir, ou reforçar, vínculos afetivos e duradouros com essa área na qual sonhos e pesadelos, tensões e desejos, alegrias e tristezas se encarnam na paisagem e no lugar.

### Referências Bibliográficas

- BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BIZZO, Maria Nilda (Org.); SALES, Rita de Cássia e NEVES, Célia Regina. **Cacos de memórias – Experiências e desejos na (re)construção do lugar**: o Horto Florestal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2005.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, Felipe. **O lugar do carnaval**: espaço e poder na festa carnavalesca do Rio de Janeiro, Paris e Nice (1850-1930). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002 (Tese de doutorado).
- \_\_\_\_\_. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Inventando carnavais**: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- HOLZER, Werther. “Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica”, In: MARANDOLA JR., Eduardo.; HOLZER, Werther e OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, pp. 281-304.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. “Festa Rio”, In: **O Dia**, 2016. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/economia/2016-03-02/joao-baptista-f-de-mello-festa-rio.html>. Acesso em: 28, Mar. 2016.
- NOVO, Cássio Lopes da Cruz. **O Lugar do Vagalume**: uma análise sob as perspectivas da nova geografia cultural e humanística de um bloco carnavalesco do Rio de Janeiro no início do século XXI. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015 (Dissertação de mestrado).
- RELPH, Edward. “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar”, In: MARANDOLA JR., Eduardo.; HOLZER, Werthe e OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, pp. 17–32.
- SEAMON, D. “Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças do lugar”, In: **Geograficidade**. Rio de Janeiro, V. 3, nº 2, inverno 2013.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina-PR: EDUEL, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina-PR: EDUEL, 2012.

Recebido em: 18/05/2016

Aprovado em: 30/06/2016